

92. A resiliência do Movimento Indígena

Kleber Luiz Santos dos Santos

Olá, meu nome é Kleber Luiz Santos dos Santos, mais conhecido como Kleber Karipuna, sou indígena do povo Karipuna, lá da Aldeia Santa Izabel, na Terra Indígena Uaçá, que fica localizada ali no extremo norte do Brasil, na Fronteira com a Guiana Francesa, no município do Oiapoque, no estado do Amapá. Hoje tenho 42 anos de idade e graças a Deus, e com muito orgulho, desses 42 anos, 21 anos foram dedicados ao Movimento Indígena, desde a minha região local, no Oiapoque, participando do Movimento Indígena localmente, depois a nível Amazônico, a nível nacional e também contribuindo no debate indígena a nível internacional.

Hoje estou morando na cidade de Brasília, estou morando em Brasília por questões de estudo, fazendo Mestrado na Universidade de Brasília (UNB), e também trabalhos do Movimento Indígena, estou atuando na COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) e também na APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), que são duas instituições que estão fazendo um trabalho muito significativo nessa questão da pandemia.

Falar dessa questão da pandemia é doloroso por conta da perda de muitos parentes indígenas, conhecidos, lideranças e, enfim, pela perda também de familiares próximos. Mas, também, falar dessa pandemia é falar de um processo de resiliência, tanto pessoal como do próprio Movimento Indígena. A gente tem essa característica de conseguir se reinventar nesses processos de luta e de batalha, e nesse contexto não é diferente. A COIAB e a APIB estão atuando muito, estão atuando firmes com suas movimentações de base e de lideranças indígenas para tentar, de alguma forma, combater esse coronavírus.

Nessa situação que estamos vivendo, logo no começo, o trabalho era para evitar que esse vírus chegasse nas aldeias, nas comunidades. Infelizmente chegou, e agora é um trabalho de dar continuidade para que essa chegada não seja com um número grande de indígenas infectados, e que Deus nos livre também de ter tantas pessoas e indígenas mortos nesse processo da pandemia. Agora também é um trabalho de tentar ajudar na cura, tentar ajudar nos processos junto com o Estado, seja o Município, o Estado ou o Governo Federal. Nosso

trabalho é tentar ajudar o máximo de povos, pessoas e comunidades a combater esse vírus nas comunidades indígenas.

Como disse, o trabalho do Movimento Indígena está sendo importante, e a gente faz parte desse processo, estamos fazendo parte desse processo de combate e também de ajudar os parceiros, pessoas, instituições nacionais e internacionais que estão trazendo todo o conforto e apoio, seja financeiro, seja pessoal ou humanitário, mas apoio para ajudar os povos indígenas no Brasil, especialmente na Amazônia, que é minha região, e também no estado do Amapá, norte do Pará, e ali na minha região do Oiapoque. Então nosso trabalho é, de alguma forma, trazer algum apoio para as comunidades nessa situação, e a gente está, de alguma forma, conseguindo contribuir nesse processo. Então, o trabalho nosso mais a nível nacional está se dando nesse contexto relacionado à pandemia do coronavírus.

Falar sobre a pandemia, como eu disse, é um processo doloroso também, apesar de que, logo lá no começo, eu estava muito preocupado com esse vírus chegar nas aldeias, mas até então estava controlado, até então estávamos conseguindo, dando um tempo ainda para evitar isso, junto com as lideranças de base. Mas, infelizmente, o vírus chegou!

Eu fui me dar conta em relação a carga de letalidade desse vírus quando o meu sogro foi contaminado e, quase um mês após ele ter sido infectado, ele veio a óbito. Ele esteve hospitalizado por 27 dias, foi internado na UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), passou por todo um processo de intubação e de sedação, de tratamento. Era uma angústia diária, e isso tocou na minha esposa, era mais dolorido ainda para ela. A gente não se concentra para trabalhar, você não se concentra para fazer nada! Tinha todo um esforço que eu estava fazendo em conjunto com os colegas dos movimentos, das organizações, fazendo um trabalho de buscar o máximo para os povos indígenas e você é pego de surpresa, tendo uma pessoa muito próxima sua, da família, sendo infectado e vindo a óbito.

Foi aí que me dei conta da periculosidade desse vírus, passamos por dias difíceis junto com minha esposa, nesse processo de tentar entender e, enfim, de tentar, de alguma forma, saber o que fazer, tentar aceitar a perda... Depois a notícia de vários outros indígenas contaminados, a chegada de notícias de lideranças indígenas de expressão nacional e internacional vindo a óbito também: Paulinho Paiakã, uma grande liderança do povo Kaiapó, dos povos indígenas do Brasil, que foi infectado e veio a óbito; a professora, dona Bernardina, lá de Roraima, também morreu. Lá no nosso Amapá mesmo, perdemos o meu tio, uma grande liderança do movimento indígena no município, no Estado do Amapá, Fernando Forte,

servidor da Saúde Indígena, lutador, guerreiro, infelizmente veio a óbito nesse processo da pandemia.

As coisas parecem meio que desabar nesse contexto, e você fica, às vezes, meio sem rumo, sem chão para enfrentar tudo isso. Graças a muita força familiar, muita força de colegas do trabalho, do movimento, das lutas, graças a ter amigos e amigas que viveram o processo e estão vivendo o processo de depressão... tem a história da resiliência... que é você, pessoalmente, tentar ao máximo se manter sereno e buscar força para ajudar outras pessoas do seu próprio trabalho, pessoas que estão fazendo o processo junto com você ali, de luta diária, tentando ajudar de alguma forma...

É muito triste, muito doloroso, mas o tempo chega e a gente tenta se reinventar e tirar forças para continuar com essa luta, continuar esse processo de ajuda, de defesa, de ajuda humanitária junto aos povos indígenas. Eu queria dar esse depoimento mostrando que estávamos sob liderança de movimentos indígenas, temos todo um processo de luta no movimento, de resistência, mas também sofremos muito nessa pandemia e estamos ainda sofrendo por não saber quando isso vai parar e o quanto que nós vamos ainda perder. Deus queira que não muito, mas o quanto que vamos perder ainda de pessoas indígenas, homens, mulheres, grandes lideranças?

Que Deus proteja todos nós e que nos dê forças para continuar essa luta e sair de mais esse momento de batalha, de luta, de resistência, juntos, firmes e fortes, com todos os nossos aliados e parceiros. Espero que lá na frente a gente possa fazer jus as pessoas que se foram, que possamos dizer que vencemos mais essa batalha juntos e que vamos dar continuidade a essa luta do Movimento Indígena. Eu queria agradecer muito a oportunidade de estar falando nesse momento, de estar colocando para fora esse sentimento. Quero chamar todos os povos para que a gente continue firme nessa batalha, conjuntamente, pois acredito que lá na frente sairemos todos vencedores. Obrigado!

Brasília, Brasil

20 de agosto de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza